



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LEVY DE MOURA CARVALHO

**Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cajazeiras e o Outro Lado:
nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí
(1992 –2015).**

Picos/PI
2015

LEVY DE MOURA CARVALHO

**Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cajazeiras e o Outro Lado:
nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí
(1992 –2015).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Picos/PI
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

C331a Carvalho, Levy de Moura.

Alto, baixo, pelados, tombador, cajazeiras e o outro lado: nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí (1992-2015) / Levy de Moura Carvalho.– 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (65 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador(A): Profa. Ma. Ana Paula Cantelli Castro.

1. História do Piauí. 2. Santana do Piauí-História. 3. Santana do Piauí-Nomenclaturas. I. Título.

CDD 981.22

LEVY DE MOURA CARVALHO

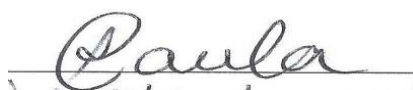
**Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cajazeiras e o Outro Lado:
nomenclaturas, viveres e pertencimento na cidade de Santana do Piauí
(1992 –2015).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

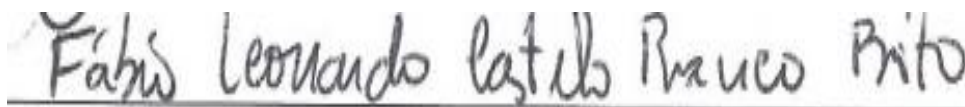
Orientadora: Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Aprovada em: 03/ 07 / 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro (Orientadora)
Mestre em História Social/UFU
Universidade Federal do Piauí



Prof.Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Mestre em História do Brasil/UFPI
Universidade Federal do Piauí



Prof.Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca
Mestre em História do Brasil/UFPI
Instituto Federal do Piauí

Dedicado aos meus pais Francisca e Manoel, minha irmã Millena, familiares e a todos meus amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Venho aqui agradecer a todos aqueles que estiveram comigo ao longo desta caminhada, por todo suporte e incentivo dados, agradeço também por todas as críticas, elogios e palavras ditas, pois sem elas eu jamais teria chegado até aqui.

Agradeço do fundo do meu coração a minha família por estarem comigo em todos os momentos, principalmente a minha mãe Francisca e ao meu pai Manoel, por jamais terem medido esforços para com a minha educação. Agradeço também a minha avó Maria de Jesus pela participação na minha vida escolar, e pelas palavras ditas, vocês não imaginam o quanto foram fundamentais para que este sonho se tornasse possível. Agradeço a todos os meus tios por me acolher em todas as vezes que precisei ficar em Picos para as atividades, agradeço também a minha irmã Millena e a todos os meus primos por tornarem minha vida mais alegre nos momentos difíceis, em especial a Vítor e a Thariny pela disponibilidade nessa reta final de trabalho.

Agradeço também a todos os meus amigos, desde os mais distantes como a minha grande amiga Suzane, que sempre se preocupou em deixar suas mensagens de apoio e incentivo, como aqueles que se encontram mais próximos e acompanharam de perto minha trajetória, sempre se colocando a disposição para a realização das mais variadas atividades, inclusive deste trabalho. Agradeço em especial ao meu amigo Ricardo Leal pelas fontes disponibilizadas, assim como minha prima Lívia Carvalho também pelas fontes e ao meu amigo Murilo Carvalho pela disponibilidade em percorrer e fotografar os diversos espaços de Santana citados na pesquisa.

Gostaria de agradecer os grandes mestres no qual tive a oportunidade de conhecer e conviver dentro da universidade, em especial a minha professora e orientadora Ana Paula Cantelli Castro, grande incentivadora e exemplo, ao professor Fabio Leonardo, grande amigo e incentivador, e a professora Karla Ingrid, por toda a disponibilidade e ajuda oferecida nesta reta final de curso, do qual eu sou extremamente grato.

Dentre as diversas personalidades das quais tive o prazer de conviver dentro do espaço acadêmico gostaria de destacar e agradecer de forma especial aos seletos integrantes do “Paz & Amor”, os meus Irmãos de sala Erik Antão, Maria Francisca, Stefany “Absoluta”, Gleyciane “Guegue” e Luís Iago Bruno “O Doido”, por todos os momentos vividos, por todas as dificuldades compartilhadas e transformadas em conquistas, vocês são parte desta vitória.

Gostaria de agradecer também de forma mais que especial a minha namorada Amanda, por todo o apoio dado nestes momentos tão difíceis, sempre me incentivando e me encorajando a seguir em frente, sem você esta conquista não teria sido possível. Obrigado, do fundo do meu coração!

Por fim, peço que todos continuem a me incentivar, me apoiar e a compartilhar suas experiências, pois novas batalhas irão surgir e certamente precisarei de todos vocês ao meu lado, para seguir em frente e futuramente dividir novas conquistas.

*Surgiste de um passado bem distante
de sonhos adormecidos que renascem
marchando para o amanhã de glórias.
Seguirás adiante triunfante.*

(Hino de Santana do Piauí)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as principais práticas políticas, econômicas e sociais desenvolvidas dentro da atual cidade de Santana do Piauí, tais como: processo de povoamento, construção das primeiras casas, atividades agrícolas, nomenclatura dos diversos espaços da parte central da cidade, intensificação da agricultura, surgimento do “Mercado Velho”, construção da Igreja São Pedro, construção e reconstrução da Praça São Pedro, e o desenvolvimento de laços sentimentais e de pertencimento entre os moradores, desde o povoado Saco do Engano até a emancipação da cidade de Santana do Piauí. Analisados através das memórias reconstruídas entre os anos de 1992 a 2015.

Palavras-chave: Saco do Engano. Pertencimento. Nomenclaturas. Memórias. Santana do Piauí.

ABSTRACT

The current work intends to analyze the main political, economic and social practices developed inside of the actual city of Santana do Piauí, which are: populating process, construction of the first houses, agricultural activities, nomination of the various spaces at the central part of town, intensification of agriculture, emergence of the "Old Market", construction of St. Peter's Church, construction and reconstruction of St. Peter's Square, and the development of emotional ties and belonging among residents from the village Saco do Engano, to the emancipation of the city of Santana do Piauí. Analyzed through the reconstructed memories between the years 1992-2015.

Keywords: Saco do Engano. Belonging. Nomenclatures. Memories. Santana do Piauí.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 01: Entrada principal da cidade de Santana do Piauí, 2015..... | 35 |
| Imagem 02: Avenida Severo Eulálio (Ladeira do Alto), 2015..... | 36 |
| Imagem 03: Vista aérea da parte central da Cidade de Santana do Piauí, 2015..... | 37 |
| Imagem 04: Morro dos Pelados, 2015..... | 39 |
| Imagem 05: Cajazeiras, 2015..... | 41 |
| Imagem 06: Rua Santo Antônio (Tombador), 2015..... | 43 |
| Imagem 07: Riacho do Outro Lado, 2015..... | 45 |
| Imagem 08: Ladeira do Buriti, 2015..... | 45 |
| Imagem 09: Mercado Velho 07/11/1976..... | 51 |
| Imagem 10: Praça São Pedro, década de 1990..... | 56 |
| Imagem 11: Praça São Pedro, 2006..... | 57 |
| Imagem 12: Praça São Pedro, 2007..... | 58 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| | |
| Capítulo 1 – Santana do Piauí: surgimento e as primeiras práticas econômicas, políticas e sociais..... | 17 |
| 1.1 Práticas do povoamento, relações com a terra e primeiras nomenclaturas | 17 |
| 1.2 Intensificação das atividades econômicas e seus resultados..... | 23 |
| 1.3 Reivindicações populares em prol de melhores condições de trabalho, saneamento básico e infraestrutura..... | 28 |
| | |
| Capítulo 2 - Nomenclatura dos pontos cardeais da parte central da cidade de Santana do Piauí..... | 33 |
| | |
| 2.1 Análise geográfica e as nomenclaturas da parte central da cidade de Santana do Piauí..... | 34 |
| | |
| Capítulo 3 - Santana do Piauí: construção e reconstrução dos espaços de sociabilidade, relações políticas, econômicas, sociais do Alto (Centro)..... | 47 |
| 3.1 Parte central: fragmentação e interação..... | 47 |
| 3.2 “Mercado Velho”: relações comerciais e sociabilidade..... | 48 |
| 3.3 Desapropriação do “Mercado Velho” e construção da Praça São Pedro..... | 52 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 61 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 63 |

INTRODUÇÃO

A cidade de Santana do Piauí¹, emancipada politicamente de Picos-PI em 29 de Abril de 1992 através da lei Nº 4.447, é uma cidade jovem, mas que já mantinha relações políticas, econômicas e sociais antes mesmo de se tornar cidade, quando ainda era o povoado de Saco do Engano.

O povoado em questão se originou com a chegada das primeiras famílias por volta de 1860, que vieram para a região em função das suas terras férteis e condições naturais propícias para se estabelecer moradia fixa, assim descrito no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do aluno Ricardo de Carvalho Leal² e também presente no livro “*Santana do Piauí: a origem do meu povo*”³, trabalhos que trazem elementos fundamentais para a compreensão das relações políticas, econômicas e sociais desenvolvidas neste local quando o mesmo ainda era o povoado.

Para a análise do surgimento do povoado e das atividades nele desenvolvidas, utilizaremos os estudos de Rolnik⁴, que trabalha a concepção do espaço como cidade mesmo antes deste ganhar essa denominação. Assim, buscaremos neste trabalho mostrar que as relações econômicas, políticas, religiosas e sociais podem estar presentes num determinado local mesmo antes deste virar uma cidade, funcionando como um ímã, atraindo as pessoas para o espaço cidade. Ainda no âmbito da vida na cidade vamos destacar a importância de Pesavento⁵ para a presente pesquisa, isso pelo fato da mesma colocar a cidade como local exclusivamente do ser humano, construído e modelado por este, lugar repleto de sentimentos e sensibilidades que vão se

¹ Santana do Piauí é um município brasileiro localizado no estado do Piauí situado a uma distância aproximada de 316 km da capital Teresina. Sua população estimada é de 4.534 habitantes segundo o censo populacional de 2014 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Faz parte da microrregião de Picos e tem como limites as cidades de São José do Piauí, Picos, Sussuapara e Ipiranga do Piauí.

² LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014.

³ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.

⁴ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.

alterando com o passar dos anos, “[...] cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais”.⁶

Para a análise dos diversos espaços nos quais os primeiros habitantes iam estabelecendo moradia e que, posteriormente, se transformaria em centro urbano é que destacamos as contribuições do geógrafo Roberto Lobato Correa, que pensará a cidade como um local fragmentado e dividido, entretanto, articulado e condicionantes social, em função das relações políticas econômicas e sociais desenvolvidas por seus moradores.⁷

O presente trabalho, que se encontra dividido em três capítulos, tem como objetivo analisar as relações homem-natureza; relações sociais entre os Santanenses; relação de pertencimento; nomenclaturas populares; memórias e geografia física da cidade. O recorte temporal escolhido se constitui desde 1992, ano em que Santana foi emancipada politicamente até o presente ano de 2015, no qual se pretende abordar as memórias remanescentes de práticas ainda de quando a mesma era Saco do Engano, servindo então de paralelo para a análise da atualidade.

Com isso podemos perceber que o recorte temporal é algo extremamente fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa, pois ele nos possibilita amarrar de forma mais consistente os aspectos nos quais pretende focar. Entretanto, este recorte não pode ser encarado como algo que lhe restrinja de buscar outros elementos que venham a enriquecer sua pesquisa, justificando então, as entrevistas que serão utilizadas para esclarecimentos de como se constituía a vida quando a cidade ainda era povoado, nos seus mais variados aspectos: político, econômico e social. Sendo estes entrevistados, assim como coloca Olga Rodrigues de Moraes Von Simson⁸, personagem pela qual iremos pensar a importância dos relatos orais,

⁶PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** In: Revista Brasileira de História. Vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.p.14.

⁷CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2000. p.7-35.

⁸ SIMSONS, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento:** O exemplo do centro de memória da UNICAMP. In: Faria Filho, Luciano Mendes de (org.). Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados, Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

são os idosos, os principais responsáveis por guardar e repassar as memórias para as gerações seguintes.

Para a compreensão de acontecimentos referentes ao povoamento, construção das primeiras casas, atividades agrícolas, nomenclatura dos diversos espaços da parte central da cidade, intensificação da agricultura, surgimento do “Mercado Velho”, construção da Igreja São Pedro, construção da Praça São Pedro, é que destacamos a importância das imagens utilizadas ao longo do trabalho, para levantar aspectos característicos de épocas diferentes abordadas no decorrer da pesquisa. Assim como também os relatos de José Vicente da Rocha⁹, natural de Saco do Engano, que testemunhou o processo de emancipação política da cidade, assim como as atividades econômicas do local (agricultura), e as construções que formaram o centro da cidade de Santana do Piauí. Destacamos também os relatos da professora da rede pública de ensino Francisca de Sousa Moura Carvalho¹⁰, para a problemática referente a pouca utilização dos nomes das ruas dentre os moradores para se localizarem, havendo uma maior utilização dos apelidos populares, além dos relatos de Maria José de Sousa Moura¹¹ e Maria de Lurdes de Carvalho¹², ambas naturais de Saco do Engano, mas que hoje não residem em Santana do Piauí, contribuindo significativamente para a compreensão das práticas econômicas e sociais desenvolvidas em torno do “Mercado Velho” e da Praça São Pedro.

Para uma melhor abordagem das temáticas, o trabalho foi estruturado em três capítulos:

O primeiro capítulo **“Santana do Piauí: surgimento e as primeiras práticas econômicas, políticas e sociais”** discute os motivos referentes a chegada dos primeiros habitantes por volta de 1860, onde estes iam se instalar

⁹ José Vicente da Rocha nasceu no povoado de Saco do Engano, atual cidade de Santana do Piauí, cidadão aposentado e atualmente reside nas Baixas do Maranhão, interior de Inhumas/PI. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

¹⁰ Francisca de Sousa Moura Carvalho nasceu no povoado de Saco do Engano, atual cidade de Santana do Piauí, professora atuante da rede pública de ensino da presente cidade. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

¹¹ Maria José de Sousa Moura nasceu no povoado de Saco do Engano, atual cidade de Santana do Piauí, professora da rede particular de ensino da cidade de Picos/PI onde a mesma se encontra residindo. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

¹² Maria de Lurdes de Carvalho nasceu no povoado de Saco do Engano, atual cidade de Santana do Piauí, comerciante da cidade de Teresina/PI no qual se encontra residindo. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

em regiões que tivessem terras férteis e água para utilizar nas plantações, criação de animais e no seu consumo diário. O presente capítulo também mostrará como a agricultura fez com que os espaços naturais da cidade fossem sendo percebidos ao longo do tempo, e tornando o homem mais pertencente a terra, fazendo com que estes as nomeassem e cercassem evitando assim que animais destruíssem suas plantações ou alguém as invadissem. Assim, com a intensificação das práticas econômicas e sociais o povoado foi aos poucos buscando condições para facilitar a vida em sociedade, se tornando seres também mais políticos, influenciando no processo de emancipação política do povoado.

O segundo capítulo **“Nomenclatura dos pontos cardeais da parte central da cidade de Santana do Piauí”** será enfocada os apelidos que existiam em torno da parte central do antigo povoado de Saco do Engano, e de como estes permaneceram mesmo após a sua emancipação política e nomeação das ruas, sendo eles: Alto, Baixo, Outro Lado, Pelados e Cajazeiras, evidenciando a força dos laços culturais desenvolvidos neste local. Ainda aqui, será apontado com as entrevistas, como estes apelidos ou nomenclaturas populares possuem relações com a geografia da parte central da cidade.

O terceiro capítulo **“Santana do Piauí: construção e reconstrução dos espaços de sociabilidade, relações políticas, econômicas, sociais do Alto (Centro)”** ira discutir as diversas relações desenvolvidas no centro da cidade de Santana do Piauí. Centro este que já era tido como tal ainda quando a cidade era um povoado, pois, em função de abrigar o “Mercado Velho” e igreja São Pedro, tornava o local propício a reunir pessoas de todas as partes da cidade, assumindo então o papel de centro. No presente capítulo ainda será enfocada o processo de construção da igreja São Pedro, derrubada do “Mercado Velho”, e construção e reconstrução da Praça São Pedro, mostrando como estes elementos influenciaram diretamente na vida da sociedade sacoense e santanense, provocando alterações nos seus hábitos e costumes.

Desta forma, o presente trabalho torna possível perceber o quão relevante se é trabalhar o espaço cidade, e de como este está repleto de sentimentos, lembranças, histórias, relações afetivas, e de pertencer, sendo que todos esses elementos se encontram em constantes transformações, mostrando o quão dinâmico é esse espaço. Dito isto, é que o mesmo se coloca

a disposição de todos aqueles que se interessem, em algum momento, em estudar as particularidades que existem em cada cidade.

Capítulo I

Santana do Piauí: surgimento e as primeiras práticas econômicas, políticas e sociais

1.1 –Práticas do povoamento, relações com a terra e primeiras nomenclaturas

Com o intuito de analisar os diversos espaços naturais da atual cidade de Santana do Piauí, e de como os santanenses se relacionam e se identificam com estes, se faz necessário uma volta no tempo para analisarmos os primeiros contatos dos moradores, com o povoado Saco do Engano, para que então possamos compreender as simbologias que circundam os espaços que hoje compõem a estrutura física da cidade. Com isso, pretendemos nesse primeiro capítulo, realizar uma abordagem geral sobre o surgimento da Cidade, mostrando as versões existentes sobre este processo, enfocando as contribuições dos primeiros povos que por aqui passaram.

Santana do Piauí surgiu de um antigo povoado chamado de *Saco do Engano*, ainda por volta de 1860, com a chegada dos primeiros habitantes. Isso aconteceu pelo fato da região possuir quantidades significativas de terras férteis, atraindo então os primeiros moradores, assim como aponta Leal:

Mais tarde, chegaram e arrancharam-se ali um “grupo” de pessoas de muita simplicidade e a fim de trabalhar nas terras que se mostravam férteis, produzindo assim alguns tipos de gêneros agrícolas, além da criação de animais para a sua sobrevivência.¹³

Com isso, podemos perceber o quanto a terra se fazia importante para estas pessoas, pois a mesma representava o seu principal meio de sobrevivência. Era dali que se retirava o alimento de cada dia, fazendo com que, ao longo dos anos, estes espaços de “labuta” e lutas diárias desenvolvessem nos moradores um grande apreço e laços pertencimento. Com a utilização da terra, e dos produtos que dela eram retirados, Rolnik vai afirmar que:

¹³LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.15.

A cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho, se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produtos para além das necessidades de consumo imediato.¹⁴

Esse fator foi fundamental para o desenvolvimento do povoado de Saco do Engano, pois com uma produção que pudesse lhes proporcionar excedentes estes ficariam mais tranquilos, já que a comida do dia seguinte já estava assegurada. A produção de excedentes ainda tornava possível uma negociação de produtos, pois se havia uma quantidade suficiente para se alimentar durante um ano, uma parte poderia ser vendida e o dinheiro investido em produtos que não se era possível retirar do trabalho nas roças, (utensílios domésticos, produtos de limpeza, sal, metais etc.), dando início a um processo de movimentação econômica e comercial dentro do povoado.

Ainda na tentativa de relatar o processo de ocupação, nos deparamos com duas versões que tentam explicar a origem da nomenclatura do povoado, nomenclatura esta encontradas nas produções inicialmente já citadas: *Santana do Piauí: a origem do meu povo* e *Santana do Piauí: O processo de Urbanização e modernização (1992-2007)*, Onde:

Na primeira versão, conta-se que o atual município de Santana do Piauí originou-se de um erro de demarcação de terras, segundo dados que se encontram no Plano de Gestão Anual de Assistência Social (PAAS), encontrado na SMDS¹⁵. Essas informações foram produzidas por um dos professores pioneiros do antigo povoado, o senhor Pascoal Borges Leal (*in memoriam*), com o erro formou-se o então engano. Logo depois, foi se notando que o lugar era constituído por algumas formações rochosas que lembravam a forma de um saco, com isso houve se a junção dos dois nomes, constituindo-se *Saco do Engano*.¹⁶

A outra versão sobre o nome do povoado descreve em parte até mesmo sobre o motivo do desenvolvimento deste, afirma que:

A procura de terras férteis que ficassem perto de águas para fazerem as roças de plantio encontraram terras que ficavam entre morros e que existiam vários olhos d'água. Fizeram suas

¹⁴ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁵ Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

¹⁶ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014, p.17.

roças e chamaram-se de saco, e como já possuíam moradia no Engano mais tarde passaram a chamar de Saco do Engano.¹⁷

Com essas versões podemos perceber como os elementos naturais foram fundamentais para a nomenclatura do povoado, mostrando mais uma vez o quanto as relações destes povos com a natureza se faziam próximas, principalmente na questão da agricultura, obrigando esses povos a percorrerem os diversos espaços da atual cidade de Santana do Piauí, assim como nos seus interiores, buscando áreas próximas a açudes e riachos, pois eram as partes que possuíam as terras mais férteis, fundamentais para a plantação e criação de animais. E assim, a partir da percepção dos elementos naturais, e do contato diário com estes, surgiu entre os moradores as versões que justificam o nome do antigo povoado, sendo que em ambas as versões são relatadas formas de percepções da natureza, na qual a primeira observará mais a geografia das formações dos morros e rochas, e a segunda mais a formação das roças que já serviam de proteção para as plantações contra animais selvagens que viviam soltos, além de representar a posse sobre determinado território. Esses elementos de percepção, advindos da sua sedentarização, se enquadram mais uma vez nos dados indicados por Rolnik, mostrando esta, os fatores responsáveis por originar os povoados e cidades:

Ela nasce com o processo de sedentarização e seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza: para fixar-se em um ponto para plantar é preciso garantir o domínio permanente de um território.¹⁸

Com isso, os percursos feitos dentro e nas proximidades do povoado fez com que os primeiros habitantes estabelecessem relações de proximidade com a natureza, desenvolvendo nestes um domínio sobre o território, assegurando a sua sedentarização na parte central e ao longo de todo o território. O referido domínio acontecia principalmente em função das práticas agrícolas, onde, diariamente os moradores semeavam suas plantações, de modo que estas fossem se constituindo ao longo do tempo, gerando uma relação de identificação do mesmo com o determinado espaço. Essa identificação era sustentada pela sua relação de subsistência, ou seja, sua alimentação era

¹⁷SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.9.

¹⁸ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

retirada do seu trabalho no campo. Dito isto, é possível perceber que os primeiros habitantes do povoado dependiam do trabalho no campo, portanto, era necessário que estes protegessem as terras nas quais trabalhavam dos animais que viviam soltos, além de evitar que outras pessoas adentrassem nos seus espaços. E assim como afirma Rocha, “A prática do cercamento servia para avisar aos outros moradores de que já tinha gente plantando naquele lugar”¹⁹ legitimando então o seu domínio.

Conforme os espaços iam sendo demarcados, principalmente em função da agricultura, cada vez mais o povoado ia ficando sedentarizado, resultando, portanto no desenvolvimento de práticas políticas, econômicas e sociais mais complexas, que giravam em torno dos territórios, principal fonte de riqueza dentre os moradores. Em função da seriedade que era a dominação da terra, visto que essa era de onde se retirava o alimento de cada dia, com o tempo foi se reforçando nos saccoenses a necessidade de viver de forma coletiva e harmônica, já que estavam habitando áreas próximas e vivendo de práticas semelhantes. Como nessa época, a regulamentação por escrito (Cartório) de que a terra era pertencente à pessoa que estabelecia cercamento só se fazia em Picos Piauí ou em cidades mais distantes, Rocha também coloca que:

O reconhecimento da terra se dava pela palavra dada, pelo respeito e reconhecimento por parte dos demais, pois em função de moraram próximos e todos se conhecerem, existia entre os mesmo o respeito e a aceitação.²⁰

Entretanto, o mesmo coloca que essa aceitação e respeito se dava como um estratégia desenvolvida por esses moradores para driblar o seu analfabetismo, pois:

Como naquela época a maioria não tinham estudo, e não sabiam como fazer para registrar uma terra em cartório, e muito menos dinheiro para gastar nas viagens para fazer o registro, esses apenas cercavam as roças e falavam que terra era sua.²¹

E assim, em função das dificuldades e da aceitação existente dentre os moradores do povoado, as terras eram repassadas de pai para filho, de

¹⁹ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

²⁰ _____. Santana do Piauí, 2015.

²¹ _____. Santana do Piauí, 2015.

geração para geração. Só que, por volta de 1940 o assim como coloca Rocha, a prática de concessão de terras iria passar por um momento de conflituoso:

Na época de meu pai já tinha confusão por causa de marcação de roça, por isso, aqueles que já tinham mais informações sobre como fazer para registrar suas roças, já iam buscando os cartórios.[...] geralmente eram aqueles que iam vender mercadorias em Picos e demais localidades.²²

Com isso pode-se perceber o quanto as terras eram importantes para seus moradores, necessitando de uma proteção maior e fazendo com que os mesmos procurassem os cartórios para formalizar a posse da terra. Portanto, viver em sociedade não é algo simples, pois cada morador possui desejos, sonhos e metas, e estarão constantemente buscando meios para alcançá-los, resultando muitas das vezes em conflitos e divergências de opiniões. Desta forma:

Nosso habitar tanto tem sido indiferente ao outro, desrespeitoso, brutal, desleal, quanto tem sido afetivo, solidário, criativo, celebrativo. No fluxo cotidiano, não nos damos conta de que estabelecemos entre nós uma partilha conflitiva e contraditória ao realizar nossas ambições e sonhos.²³

Assim pode-se perceber que a vida em sociedade é algo extremamente complexo, que envolve diversos elementos e personalidade diferentes, fazendo-se necessário que os moradores estejam buscando diariamente aprender a conviver com coletividade, sem que haja uma invasão da privacidade do outro.

Relatado neste primeiro momento sobre a formação do povoado, pode-se observar o quanto as terras férteis, olhos d'água e o vasto espaço de terras foram fatores preponderantes para a escolha do território para se estabelecer moradia fixa pelos primeiros habitantes. Também foi destacado o quanto as relações com a natureza (agricultura), foram fundamentais para a percepção dos espaços mais favoráveis para plantio e construções de casas, assim como

²²ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

²³SANDEVILLE Jr., Euler. **A Paisagem do Município como Território Educativo**. In: PADILHA, Paulo R.; CECCON, Sheila e RAMALHO, Priscila (orgs.). Município que Educa: fundamentos e propostas. São Paulo: EDL, vol. 1, nov., 2010^a.p.2.

para a intensificação dos laços de pertencimento, responsáveis por desenvolver nesses o poder para ressignificar os espaços, nomeando-os. Com isso, é possível perceber que prática dar nomes vinha da percepção destes para com a natureza e os espaços que os cercavam.

Tal prática de nomear os espaços ainda vai se mostrar de fundamental importância no decorrer da presente pesquisa, pelo fato de que mais a frente, será explicado a existência de apelidos ainda remanescentes no dia-a-dia dos santanenses, e de que estes tais apelidos podem ter sido herdados de quando a região ainda era o antigo povoado *Saco do Engano*, mostrando mais uma vez a força da memória coletiva que para Rolnik, “A memória coletiva esta na preservação de bens arquitetônicos”²⁴. Entretanto, o arquitetônico neste caso passa a ser simbólico, arquitetado apenas no imaginário popular. O imaginário popular neste caso serve como diário de registros, que ao longo dos anos vai está constantemente vai recebendo novas memórias, estando numa construção sem fim, onde a qualquer momento algo pode ser ressignificado e alterado, variando de acordo com os elementos que a presente geração quer lembrar, podendo ser abraçada ou não pelas próximas gerações, se sujeitando também ao esquecimento.

Com isso, diversos elementos concretos como morros, ruas, estatuas, podem estar entrando no imaginário popular com um significado sentimental ou simbólico, estando sujeito à mudança de acordo com o desejo de memória transmitida e aceita pelas gerações seguintes. Assim como pensa Sandeville Jr.:

O espaço habitado, urbano ou rural, nos abriga e, na nossa imaginação, memória, experiência, criamos fluxos da subjetividade com o estar com outros, constituindo então paisagens conhecidas.²⁵

Portanto, é possível perceber que, ao longo do processo de habitação, não era apenas os moradores que estavam habitando os espaços, mas estes também estavam sendo habitados pelas paisagens, pois conforme

²⁴ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

²⁵ SANDEVILLE Jr., Euler. **A Paisagem do Município como Território Educativo**. In: PADILHA, Paulo R.; CECCON, Sheila e RAMALHO, Priscila (orgs.). Município que Educa: fundamentos e propostas. São Paulo: EDL, vol. 1, nov., 2010^a.p.2.

suasmemórias iam absorvendo as paisagens que se encontravam a sua volta, estes iam aos poucos as nomeando tornando estes ambientes mais visíveis e conhecidos.

Ao longo dos anos e das diversas gerações que habitaram o povoado de Saco do Engano, o livro *Santana do Piauí: a origem do meu povoaria* destacar que a chegada de outras famílias nesta região se deu em função das suas características naturais, sendo também colocado por Rocha:

O local costumava ser procurado em função das terras férteis para o plantio de milho, feijão, algodão, cana-de-açúcar e criação de gado, de ovelhas, bodes, galinhas, porcos e demais animais.²⁶

Esse vasto leque de possibilidades de estabelecer moradia fixa, envolvendo o homem com a natureza, onde se tem como destaque a agricultura e pecuária iria servir como ponto catalizador para a consolidação do povoado. Tornando o espaço um verdadeiro imã, “[...] a cidade é antes de mais nada um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia”²⁷. Assim como já relatado, os atributos naturais provocavam certa atração nos povos que tomavam conhecimento sobre a região, e aqueles que aqui chegavam, em função do seu trabalho e esforço, faziam com que as colheitas permanecessem pelo ano inteiro, dando um ar de tranquilidade e estabilidade, reafirmando o conceito de imã.

Com o tempo, em função dos percursos feitos diariamente para chegar até suas roças, e com a venda e troca de produtos entre os moradores e localidades vizinhas como “[...] Lagoa dos Marcelinos, Lagoa Seca, Engano, Queimada da Ema, Malhada Vermelha e Camarada”.²⁸ Levou os habitantes a juntarem recursos e passarem a investir em construções que facilitassem a vida nos seus espaços de trabalho.

1.2 – Intensificação das atividades econômicas e seus resultados

²⁶ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

²⁷ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.13.

²⁸ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.23.

A ampliação da parte financeira fez com que estes expandissem suas atividades econômicas, comprando novas roças e construindo novas casas, só que agora mais próximos aos olhos d'água, bastante presente nos arredores da região. Contudo, essas casas nem sempre eram feitas para estabelecer moradia fixa, pois os moradores que geralmente as construíam já possuíam casas no povoado. Mas isso não impedia que este deixasse sua primeira casa para morar mais próximo de suas roças. Entretanto, essas construções, erguidas próximo às roças mais afastadas da parte central do povoado, assumiam a função de local de descanso nos horários após o almoço, assim como também de local para o armazenamento dos materiais de trabalho, facilitando no processo. Com isso estes não precisavam mais transportar seus instrumentos de trabalho por grandes distancias, pois havia um local seguro para guarda-los. E assim como relata Rolnik, as construções de casas nas cidades ou interiores são responsáveis por marcar “[...] a constituição de uma nova relação homem/natureza, mediada pela primeira vez por uma estrutura racional abstrata”.²⁹

Na construção das casas, Rocha relata que:

Era comum à participação da família no processo, pois isso reduzia o custo que era construir uma propriedade. Para as primeiras casas o material era quase todo retirado da natureza, iniciando pelos tijolos, que eram feitos de barro ou argila, produzidos em formas apropriadas, onde na sequência se formavam as “Caeiras”, amontoados de tijolos na forma de um forno. Onde se deixava o espaço de colocar lenha para que a “Caeira” fosse queimada, solidificando os tijolos através da temperatura, sendo depois utilizados na construção. As madeiras para o telhado também eram retiradas da natureza, vindo de fora apenas às telhas, isso quando as casas não eram cobertas com palhas de carnaúba ou buriti, presentes na região.³⁰

Dentro das tecnologias ou técnicas que ajudaram a consolidar e facilitar a vida no povoado destaca-se a cavação de poços, construção de cisternas e fabricação de potes de argila. Elementos que ajudavam no armazenamento de água, evitando que os moradores precisassem estar se deslocando constantemente para os açudes e olhos d'água para buscar água para

²⁹ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.p.15.

³⁰ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

consumo próprio e de seus animais. Apesar do desenvolvimento que se despontava na parte central, em função do próprio desenvolvimento das práticas agrícolas e comerciais, fez com que acontecesse um processo de saída do povoado. Processo que aconteceu em função do aumento da produção agrícola e criação de animais, fazendo-se necessário uma quantidade de água e de terras férteis relativamente maiores do que as que existiam na parte central do povoado, por isso a busca pelos açudes e olhos d'água se tornou bastante comum na região, resultando na construção das casas de roças que anteriormente se foi exposto.

Essas construções e as técnicas de sobrevivências revelavam grande conhecimento que estes povos tinham para com a vida no campo, mostrando que estes estavam antenados aos espaços que os cercavam, e o simples pensamento de construir suas casas pertos dos olhos d'água já lhes proporcionariam uma maior facilidade para usar a água nas atividades domésticas e para laborar com seus animais.

É importante destacar que as práticas e características da região durante seu período de ocupação e intensificação das moradias não representam nem de longe as formas que a cidade de Santana do Piauí assume hoje, pois o que está sendo relatado é busca e a ocupação de espaços que tinha como objetivo proporcionar para esses povos uma maior facilidade no sentido de se trabalhar a terra e de conseguir água para o seu abastecimento. Logo se pode afirmar que não existiam dentro desta região, as tecnologias que a cidade se beneficia atualmente, como, por exemplo, água encanada para toda a região e tratores para arar as terras. Entretanto, é importante ressaltar que os transportes de água no lombo dos jumentos, a utilização de arados rudimentares puxados por animais para o preparo das terras, a construção de poços e casas próximas às roças ajudavam sem dúvida a tornar as atividades menos desgastantes. Tais elementos mostram ainda que as práticas desenvolvidas aconteciam de modo a integrar as necessidades do home para com o trabalho na natureza

Segundo os relatos de Rocha, “existiram agricultores que conseguiram manter suas plantações e criações dentro do próprio povoado”³¹, entretanto

³¹ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

estes tinham que se deslocar diariamente para os olhos d'água mais próximos para transportar água para a realização de suas atividades. Isso para aqueles que não tinham reservatórios de águas em casa, como os poços e cisternas. Ou as águas destes não eram suficientes. Dentre os mais olhos d'água utilizados o que ficou mais famoso foi o olho d' água do buriti, devido a sua proximidade e da qualidade da sua água, utilizado até nos dias de hoje pelos santanenses. Tais dificuldades e formas de enfrenta-las fica evidente na seguinte passagem do livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*:

Tudo com a maior dificuldade de água, para os animais e o consumo humano, e a posse de um jumento/burro ou cavalo para o transporte de água do buriti, tornou-se obrigatório a todas as pessoas.³²

A fonte de água apontada na citação é referente ao olho d'água do buriti, bastante utilizado pelos antigos moradores de Saco do Engano em função da sua qualidade. Porém, pouca utilizada na atualidade pelos moradores de Santana do Piauí, em função da urbanização da parte central e distância para a busca da água, ficando este um lugar pouco frequentado. Quanto à utilização dos animais como jumento/burro ou cavalo para o transporte da água, isso devido às numerosas viagens e as grandes quantidades de peso. No entanto, a utilização dos animais não ausentavam estes de sofrer as duras rotinas de trabalho, tanto os homens rumo a suas roças como as mulheres, as “lavadeiras” que caminhavam nas madrugadas rumo aos olhos d'água para lavar roupas de sua família. Fatos esses lembrado com nostalgia por Rocha, que mesmo com todo o sofrimento coloca que era feliz. Sobre as dificuldades este ainda destaca que:

Os animais de carga ajudaram demais os homens a suportar as duras tarefas da roça, ajudando a transportar a produção da roça para a casa, além de ajudar no transporte das ferramentas de trabalho (enxadas, foices, machados).³³

Colocado esse processo de movimentação entre as áreas vizinhas (roças) e o centro do povoado é que percebemos o quanto as relações entre os

³²SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.93.

³³ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

moradores e essas localidades eram importantes, tanto no lado econômico, por representar a origem dos principais produtos consumidos, e excedidos para o comércio, como na parte social, sentimental, da troca de experiências com as pessoas que diariamente faziam os mesmos trajetos de roças ou de ir negociar em localidades vizinhas.

Dentre as relações agrícolas desenvolvidas no espaço do povoado Saco do Engano, envolvendo tanto a sua parte central como a sua parte mais ruralizada fez com que as possibilidades de troca e colaboração entre os habitantes intensificassem suas capacidades produtivas e comerciais, tornando mais complexas as relações, reunindo os requisitos fundamentais para o surgimento da imagem do mercado.

A cidade, ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população, cria o mercado. E assim se estabelece não apenas a divisão do trabalho entre campo e cidade, a que já nos referimos, mas também uma especialização do trabalho no interior da cidade.³⁴

Portanto, as práticas inicialmente relatadas, envolvendo os primeiros moradores para com seus momentos de produção foram fundamentais para o desenvolvimento das relações econômicas, sociais e também políticas, do povoado que mais tarde viria se tornar a atual cidade de Santana do Piauí.

Com relação às práticas em si, elas se tornaram tão complexas que ocasionaram a criação do espaço do mercado. Local que passaria a servir de referência para aqueles que buscassem a compra e venda dos excedentes agrícolas, assumiria, portanto o papel de controlar e dar unidade as principais relações econômicas e comerciais do povoado. Com o tempo, as relações em torno do mercado se tornaram cada vez mais complexas, desenvolvendo nos moradores relações sentimentais e de pertencimento. Em função do mercado e das atividades que se realizam em torno deste, o povoado Saco do Engano foi se expandindo e ganhando novas formas. Principalmente no local que hoje denominamos de centro. O povoado vivia um momento de intensa comercialização. Entre os seus habitantes, como também das comunidades vizinhas e cidades vizinhas, assim afirma Leal:

³⁴ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.26.

Havia a troca de produtos que eram produzidos no povoado com os que vinham de outras regiões, como o sal, temperos e face, que eram negociados em Oeiras, Buritizal, atual cidade de Novo Oriente, Inhuma, São João do Piauí, Picos, além das localidades vizinhas [...] como Lagoa dos Marcelinos, Lagoa Seca, Engano, Queimada da Ema, Malhada Vermelha e Camarada.³⁵

Essa movimentação econômica foi fundamental não só para a economia, mas também na criação de laços entre os saccoenses para com moradores de outras regiões. Provocando no povoado um enriquecimento também nas relações sociais e culturais ocorridas por essas trocas de experiências. “Com a produção e comercialização desses vários produtos, muitas outras famílias vieram a se estabelecer na região, contribuindo ainda mais para o seu desenvolvimento local”.³⁶ Com isso podemos dizer que o grande crescimento que já se fazia evidente anos antes da emancipação política de Santana do Piauí (segunda metade do século XIX) fez com que os povos que aqui residiam buscassem junto aos seus representantes, melhores condições de vida para a população.

1.3 – Reivindicações populares em prol de melhores condições de trabalho, saneamento básico e infraestrutura

Com crescimento populacional do povoado Saco do Engano, veio com ele vários problemas sociais como a falta de água, de atendimento de saúde, a educação, a comunicação, a energia elétrica.³⁷

Tendo em vista todas essas necessidades, somada com o crescimento da população e as grandes cargas de trabalho realizadas por estes, houve a criação de um intenso processo de união e de comoção popular para que o povoado fosse emancipado da cidade de Picos e se iniciassem obras que os ajudassem a enfrentar as limitações sociais e combater as condições de insalubridade que viva a população. Para Rolnik, em sua análise sobre a formação das cidades a mesma coloca que é normal à busca por parte dos moradores de uma administração sólida do espaço Cidade, para que

³⁵LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.23.

³⁶_____. Picos, 2014. p.23.

³⁷SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012. p.110.

então, seja possível o convívio harmonioso. “A aglomeração de indivíduos faz com que seja necessário a gestão da vida coletiva”.³⁸ Essa questão das dificuldades enfrentadas unidas com a questão da saúde pública fica mais evidente no relato encontrado no livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*:

A vida sofrida do povo levou muita gente boa a falecer ainda jovem, pela falta de atendimento médico, onde mulheres tinham seus filhos em casa com ajuda de parteiras sem conhecimento da medicina convencional, e outras ganhavam seus filhos sozinhas em casa. As doenças que surgiam, curavam com remédios caseiros e naturais.³⁹

Tudo era muito precário, e os conhecimentos para tratar de doenças e enfermidades eram baseados nos conhecimentos populares, herdado dos seus antepassados, mostrando como as relações familiares eram muito intensas nessas épocas. Nesse contexto Rocha, vai destacar a figura das rezadeiras, que “eram no geral pessoas mais velhas, conhecedoras de rezas que poderiam curar problemas de saúde como garganta inflamada, machucados, febre alta, quebrante, mal olhado entre outros problemas”.⁴⁰ Tonando-se um meio cada vez mais utilizado devido a não existência de tratamento médico na região.

Com o processo de crescimento, até então relatado, advindo da movimentação econômica provocando, conseqüentemente, pela interação com outras comunidades faz com que o povoado de Saco do Engano se expandisse e reivindicasse por melhores condições de vida, trabalho, salubridade, dignidade etc. Fomentando na região uma grande interação de laços e união. Sendo criado um pensamento coletivo de que a população precisava se unir para que as melhorias pudessem chegar. Essa união em prol de melhores condições de vida vai assumir um caráter político muito forte na região, fazendo com que os moradores, juntamente com as figuras políticas mais influentes da época iniciassem o debate para a emancipação política do povoado Saco do Engano da cidade de Picos – PI, durante a década de 90.

³⁸ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.20.

³⁹ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.98.

⁴⁰ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

No entanto, ainda que a intensão deste capítulo não seja adentrar na vida política do povoado, destacamos a consciência de que o processo de emancipação política do povoado foi de fundamental importância para a constituição de novas relações de pertencimento entre os moradores para com o seu povoado. Fazendo com a busca pela emancipação se desse em função das dificuldades enfrentadas nas relações com a terra, em função condições precárias de trabalho, de abastecimento de água, de saneamento básico, que influenciavam diretamente na condição de vida das pessoas. Estes elementos, unidos com uma consciência política mais aguçada, amadurecida com as constantes relações econômicas e sociais do povoado para com as localidades vizinhas, incitou os saccoenses a buscar junto às pessoas mais influentes da região formas para tornar o seu espaço mais desenvolvido, em termos de estrutura física, saneamento básico e condições de trabalho. E vai ser justamente nesse contexto que vai se destacar o primeiro representante do povoado, o cidadão Eurípides Borges Leal:

[...] nascido em 18 de maio de 1925 natural de Saco do Engano, ingressou na vida política em 1947. Sendo vereador eleito na Câmara Municipal de Picos, e ficando como suplente nos anos de 1976 a 1985.⁴¹

Tendo um representante no poder, a população passou a pressionar por melhorias para a sua população e uma possível emancipação política da cidade de Picos Piauí⁴². Entretanto, a emancipação política não viria nesse primeiro momento, mesmo assim houveram contribuições de extrema importância para o povoado, como:

Encanação das águas do buriti para as caixas-d'água instaladas no "outro lado" – Av. Espírito Santo, e a do "alto", vizinhos ao Posto de Saúde Isaac Borges, que também foi construído graças ao seu esforço, assim como o Grupo Escolar Helvídeo Nunes de Barro; a construção da estrada que liga Santana do Piauí a Picos, a primeira rede de energia elétrica e um posto de telefone.⁴³

⁴¹SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.110.

⁴²ROCHA, José Vicente da.**Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**.Santana do Piauí, 2015.

⁴³ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012. p.110.

Dito isto percebemos o quanto o livro de *Santana do Piauí: a origem do meu povo* se preocupou em exaltar as contribuições de Eurípedes Borges Leal para o povoado, já que o objetivo do livro é justamente este, lembrar os personagens que se destacaram ao longo do processo emancipatório. Assim, com relatos de Rocha, se faz possível destacar que, sem a mobilização popular tais conquistas não teriam sido alcançadas. Tornando possível lembrar não só a imagem de um único personagem, ainda que este tenha de fato contribuído. Abrindo espaço para o relato de memórias que coloquem a população como seres ativos no desenvolvimento do seu lugar.

Com a morte Eurípedes Borges, em 13 de maio de 1988, o sonho de toda a população saccoense foi acolhido pelo senhor Manoel Borges Sobrinho, natural da terra, “eleito vereador em primeiro lugar pela Câmara de Vereador de Picos em 1988”.⁴⁴A partir de então, sempre com incentivo popular, o mesmo passou a se empenhar no desenvolvimento de um projeto de lei que levaria o povoado Saco do Engano a sua emancipação política administrativa. De fato o projeto se sucedeu na emancipação política do povoado, sendo este elevado no dia 29 de Abril de 1992, com muitas lutas e dificuldades, a categoria de novo município piauiense pela lei Nº 4.447, de 29 de Abril de 1992⁴⁵.

Com base nos recortes⁴⁶ e nos relatos de Rocha, o processo de emancipação trouxe muitos benefícios para a população saccoense, como a construção de estradas, calçamentos, poços tubulares, melhorias na parte educacional e da saúde, entre outros aspectos. Contudo, o processo de emancipação não foi apenas de momentos felizes, mas sim de dificuldades, principalmente quando a população não concordava “[...] com os gastos que estavam acontecendo em virtudes das viagens a capital do estado”.⁴⁷ Deixando a entender que a população participava destes gastos, ou mesmo que estes

⁴⁴ _____. *Santana do Piauí*, 2012. p.111.

⁴⁵ Santana do Piauí, **Lei de criação do município**. Lei Nº 4.477, de 29 de Abril de 1992.

⁴⁶ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.

⁴⁷ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.35.

não estivessem participando, é possível perceber que estes estavam insatisfações com a situação.

As relações até então discutidas, desde o momento de povoamento, assim como as relações que estiveram presente no momento de emancipação, fazendo dos sacoenses seres mais próximos uns dos outros e dos acontecimentos que cercavam seu contexto, tornando estes parte do processo. Estreitando ainda mais a sua condição de pertencente ao local. Essa questão da participação popular no processo de emancipação fica ainda mais evidente no trabalho de Leal, quando este relata que para escolher o nome da futura cidade:

[...] foi realizado um plebiscito no dia 19 de abril de 1992, para escolha do novo nome da cidade, onde tinha três opções de escolhas: Vale do São Pedro, Saco do Engano e Santana do Piauí.⁴⁸

Esse acontecimento foi sem duvida de extrema importante para as pessoas que viveram o momento, pois, dias antes da emancipação política de fato, os moradores já se encontravam estabelecendo laços de interação com a sua futura cidade. Laços esses bastante reforçados ao longo de todo o processo emancipatório. Escolhendo estes, o nome no qual ficaria conhecida a então cidade emancipada. Surgindo, assim a cidade de Santana do Piauí. Este acontecimento representa para o presente trabalho outro ponto de fundamental importância, pois pela primeira vez, a característica de nomear os espaços, tida com informal e baseada na sua relação com a natureza, bastante enfocada ao longo do primeiro capítulo, ultrapassava a característica da informalidade, das vivências, para então nomear a cidade. De maneira completamente formalizada. Com isso, podemos perceber que os primeiros moradores foram pessoas que souberam intervir na sua realidade, observando e nomeando, trabalhando e negociando, denunciando e modificando, diversificando e tornando complexas as relações.

⁴⁸LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.35.

Capítulo II

Nomenclatura dos pontos cardeais da parte central da cidade de Santana do Piauí

Assim como canta o hino da cidade “entre serras e montes nascestes”,⁴⁹ Santana do Piauí esta cercada por morros e por depressões ao longo de todo o seu território, o que torna a natureza um elemento de convivência dos moradores em seus diversos momentos, dando-lhes a liberdade de nomeá-los de acordo com suas vivências e necessidades. E assim como pensa Fenelon:

São as relações sociais entre moradores da cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear contornos e paisagens urbanas, criando referências culturais que nos permitem perceber as imagens de uma cidade.⁵⁰

Tendo em vista a importância das relações sociais para o desenvolvimento estrutural de uma cidade, o presente capítulo se propõe a mostrar, juntamente com os registros, memórias, relatos como se constituiu a parte urbana da cidade de Santana do Piauí, especificamente o seu Centro e as suas subdivisões.

De acordo com as ruas que ligam os diversos espaços da parte urbana da cidade de Santana do Piauí, nota-se que as mesmas estão todas unidas pelo mesmo bairro, o bairro centro. Entretanto, por se tratar de uma cidade jovem, emancipada politicamente no dia 29 de Abril de 1992, de Picos-PI, a sua população ainda apresenta uma grande resistência quanto ao aprendizado do nome de suas ruas, prevalecendo ainda às nomenclaturas dos tempos de povoado Saco do Engano. E assim como afirma Francisca de Sousa Moura Carvalho, professora da rede pública de ensino da presente cidade:

Os nomes das ruas são mais utilizados pelos moradores quando estes precisam preencher algum documento que exija

⁴⁹ MOURA, Aldenora de Sousa. **Hino de Santana do Piauí**. 1995.

⁵⁰ FENELON, Déa Ribeiro. **São Paulo: patrimônio histórico-cultural e referências culturais**. Proj. História, São Paulo, (18), mai. 1999.p.289.

a sua localização, assim como o endereço de sua residência etc. sendo uma prática mais burocrática e menos utilizada.⁵¹

Com isso, pode-se perceber que dentro da cidade de Santana do Piauí os moradores convivem com maneiras distintas quanto as suas formas de se localizar, na qual a forma mais burocrática relatada por Carvalho perde espaço para os apelidos ou nomenclaturas populares, utilizadas pelos moradores para nortear a vida dentro da cidade.

2.1 – Análise geográfica e as nomenclaturas da parte central da cidade de Santana do Piauí

As nomenclaturas ou apelidos aos quais nos referimos são: Baixo, Alto, Pelados, Tombador, Outro Lado e Cajazeiras. Todos localizados na parte central da cidade, entretanto não são os únicos apelidos que existem dentro do centro da cidade e nem abarcam todos os moradores da mesma, mas são estes os que possuem os seus espaços mais definidos sendo, portanto os mais lembrados. E assim como relata Pesavento, “Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as “verdadeiras”, as “reais”, as “concretas” cidades em que vivemos”.⁵²Mostrando que as relações desenvolvidas pelos moradores dentro da cidade possui força para permanecerem vivas mesmo com o desenvolvimento estrutural da cidade, como por exemplo, a construção de prédios públicos ou particulares em espaços com um significado sentimental para os moradores, mostrando que os laços culturais pode resistir ao concreto.

Assim como na letra do hino da cidade, citado inicialmente, estes apelidos estão associados a elementos naturais bastante conhecidos dentre os moradores da cidade. Sendo exaltados no livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*, que “cada um desses lugares citado, foi atribuído a uma característica natural e cultural do local”,⁵³ mostrando a importância das

⁵¹CARVALHO, Francisca de Sousa Moura. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁵²PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.p.11.

⁵³SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012. p.25.

primeiras gerações do povoado Saco do Engano na percepção dos espaços naturais, resultando então, neste legado de apelidos.

Para compreender os apelidos, buscaremos mostrar quais pontos eles representam para a cidade em termos de localização geografia. Iniciando pela parte de Baixo, local geograficamente mais baixo do que as outras partes da cidade, principalmente com relação à parte central da cidade, até então chamado de Alto. A parte de Baixo representa territorialmente a parte leste da mesma, no nascente. Este ponto liga a cidade de Santana do Piauí a Picos, sendo necessário o seu percurso se o visitante ou morador pretender adentrar na cidade vindo daquele sentido.



Imagem 01: Entrada principal da cidade de Santana do Piauí, 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Ricardo de Carvalho Leal.

A presente imagem mostra uma das principais entradas da cidade de Santana do Piauí, na qual se encontra a única placa que identifica a mesma como cidade, recepcionando os visitantes que nela pretendem adentrar com a seguinte mensagem: “BEM-VINDO A SANTANA DO PIAUÍ”. Entretanto, nem de longe a imagem pode colocar a importância do que esta entrada-saída representa para seus moradores. Tanto nos tempos de Saco do Engano como na atualidade a mesma serviu e serve como ponto de escoamento e entrada de pessoas, assim como de produtos para comércio e consumo próprio, vindos principalmente da cidade de Picos-PI, ligada a Santana pela PI-327.

Para, além disso, esse local de passagem marcou as diversas gerações de santanenses que tiveram que por ali passaram em algum momento de suas vidas. Sejam eles de caráter econômico, político ou social, já que a presente cidade não oferecia todos os elementos necessários para que seus moradores vivessem sem ultrapassar os seus limites.



Imagem 02: Avenida Severo Eulálio (Ladeira do Alto), 2015.
Fonte: Acervo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Na imagem número 02, podemos observar a Avenida Severo Eulálio, local onde fica a ladeira do Alto, símbolo responsável por separar e legitimar o que já se fazia concreto no imaginário popular santanense, a divisão entre Alto e Baixo, presente nas memórias desde os tempos de Saco do Engano, permanecendo até os dias atuais. Importante frisar que existe outra ladeira que dá acesso ao Alto, no entanto, não tão icônica quanto a da imagem.

A parte denominada de Alto representa para a cidade a sua parte mais “importante” em termos de relações sociais, políticas, econômicas e religiosas. Sendo, portanto o centro da cidade, pois é neste local onde se encontra a Praça São Pedro, principal cartão postal da cidade, a Igreja São Pedro ícone para os fieis católicos da cidade; e os principais comércios da cidade, sendo, portanto o principal espaço de sociabilidade, e demais relações que envolvam a participação dos santanenses. O presente termo (Alto) já havia sido mencionado no livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*. Ainda que, sem intenção de referenciá-lo como um espaço cultural “não registrado” da cidade, ou analisar a complexidade de relações existentes nesse espaço.



Imagem 03: Vista aérea da parte central da Cidade de Santana do Piauí, 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Ricardo de Carvalho Leal.

Na imagem número 03, que mostra a vista aérea da parte central da cidade de Santana do Piauí, podemos ter uma noção mais consistente sobre a parte denominada de Alto, “principal” local de sociabilidade, comércio, movimentação de moradores. Como havia sido citado anteriormente. A imagem também nos possibilita observar a Praça São Pedro, importante espaço de sociabilidade dos santanenses. Assim como a Igreja São Pedro, local tido como sagrado para a grande maioria de religiosos da cidade, os cristãos. E ainda pode-se observar a ladeira que serve de referencia para separar o Alto do Baixo. Identificando para o leitor o quanto os elementos naturais são de extrema importância para a compreensão da parte central da cidade, assim como do próprio centro, o Alto.

Em entrevista, questionado sobre quando e de como surgiu esse ponto da cidade denominado de Alto, Rocha vai colocar que:

Inicialmente eram poucas e espalhadas as casa do centro, onde as relações sociais eram lentas devido aos poucos espaços de sociabilidade e relacionamentos. Existia muito mato no local, era cheio de “pereiro” arvores bastante comum neste local. Tinha pereiro branco, pereiro preto. A mata fazia parte do local, assim como as poucas casas que existiam. [...] Acredito que já morava gente ali antes de 1930. O dono desse

local era o finado Pedro Borges, pai do finado Desiderio e João Borges, figuras mais ricas da época assim colocado por ele.⁵⁴

Em conversa sobre como se deu a formação dos principais ícones do centro da cidade de Santana do Piauí, ainda presentes na atualidade pode-se perceber como a construção da Igreja São Pedro relatado por ele, foi um acontecimento que, fortificou este espaço denominado de Alto como sendo o centro do antigo povoado e posteriormente centro da cidade.

A construção da Igreja São Pedro contou com a existência de um mutirão formado pelos moradores, no qual o mesmo também participou:

O que era de meninos, de meninas, homens e mulheres carregando pedras na cabeça lá de cima da custaneira para fazer o alicerce, onde todo mundo se juntava para bater adobo. Eu era muito jovem, mas mesmo assim ajudei a carregou pedras para a construção. Teve um dia que eu ainda machuquei o dedo numa topada (risos).⁵⁵

Dentro deste processo de união popular em torno da construção da Igreja São Pedro podemos destacar o quanto as relações de companheirismo se estreitaram ao longo deste processo, pois trata-se de um grupo que buscou junto a realização de um ideal, no caso a construção da Igreja. Tal acontecimento também foi relatado no livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*:

Em 1937 foi formado um grande mutirão, onde pessoas idosas, jovens e crianças em torno de umas duzentas pessoas fizeram parte da construção da **Igreja São Pedro** que se tornou o padroeiro da cidade. Dizem que a igreja foi levantado em homenagem ao senhor Pedro Borges Leal o doador do terreno, e que foi sepultado no local. De acordo com o relato de algumas pessoas as pedras do alicerce foram carregadas em jumentos, do riacho da raposa e do taquari e que durante a construção sempre tinha um sanfoneiro animando no local.⁵⁶

O termo Pelados que, segundo os relatos dos moradores da cidade, foi empregado pelos seus antepassados, devido ao morro que fica próximo do

⁵⁴ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁵⁵_____, Santana do Piauí, 2015.

⁵⁶ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.96.

local. Morro este, que possui uma parte sem a presença de vegetação, deixando a impressão ser “pelado”, expressão utilizada para referenciar aquilo que não possui cabelo ou pelos. O termo que inicialmente foi utilizado por causa do morro até então já citado, foi ganhando outro sentido ao longo das décadas, isso devido à fisionomia dos seus moradores, principalmente da figura masculina que, com o passar dos anos, foram perdendo seus cabelos devido à idade, passando então chamar o lugar de Pelados também por esse motivo, ficando então no imaginário popular estas duas versões.

Os Pelados era chamado assim por causa do morrão que tinha lá, e era por lá que o povo subia no rumo da chapada. Tinha tanto o caminho do Buriti como o caminho do Morro dos Pelados que dava pra ir, aí só depois de muito tempo quando o povo foi ficando careca que começaram chamar ainda mais de os Pelados.⁵⁷

Com isso percebemos que quase todos os nomes se deram devido à presença dos moradores em alguma atividade que exigia uma maior percepção do mundo que estava a sua volta, assim como dos laços de pertencimento entre outros.



Imagem 04: Morro dos Pelados, 2015.

Fonte: Arquivo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Na imagem 04, é possível observar o morro cujo nome referencia a população que se encontra a sua frente, revelando como a mesma, ao longo do processo de povoamento se encontrava atenta aos elementos naturais que

⁵⁷ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 27 de março de 2015.

as circundava, fazendo com que estes se sentissem pertencentes ao ambiente a ponto de nomeá-lo e trazê-lo para o seu cotidiano.

A imagem ainda nos possibilita levantar elementos da atualidade, que possuem características das práticas dos primeiros moradores do local, como a prática da agricultura, evidenciada pela presença de plantações de milho e feijão, que antes eram feitas em roças distantes em função da qualidade e volume das terras já que a produção também visava fins lucrativos. Hoje, no entanto, as roças na cidade de Santana do Piauí vem sendo pouco utilizadas, principalmente em função das chuvas escassas, obrigando os pais a direcionarem seus filhos para os estudos. Fazendo com que as rotas, antes utilizadas pelos moradores para atividades agrícolas diárias fossem sendo abandonadas aos poucos ao longo dos anos, ficando apenas no imaginário dos mais velhos as lembranças da “labuta”.

Com isso podemos perceber o quanto as atividades desenvolvidas pelos primeiros moradores nas roças e as observações feitas ao longo dos percursos foram fundamentais para dar força aos laços inicialmente desenvolvidos, principalmente quanto ao nome do local. Pois hoje, mesmo com os percursos e atividades agrícolas praticamente abandonados, o apelido continua forte no imaginário popular.

Os outros três lugares restantes também recebem seus nomes devido a elementos naturais. As Cajazeiras, por exemplo, outro extremo da cidade de Santana no Piauí, com saída para a Serra do Tanque e Juáí, recebeu o presente nome (apelido), assim como relata Rocha, “[...] devido as grandes quantidades de arvores de Cajá que existiam antigamente naquela região, ficando, portanto conhecida popularmente como as Cajazeiras”⁵⁸.

⁵⁸ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.



Imagem 05: Cajazeiras, 2015.

Fonte: Arquivo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Sobre as Cajazeiras, percebemos em visitas, que a mesma já não dispõe das grandes quantidades de árvores de Cajá, em relatos os moradores dizem que com o tempo elas foram sendo desmatadas pelos moradores, mas que ainda existem árvores perdidas na floresta e em propriedades de particulares.

Geograficamente, como podemos perceber na imagem 05, que a mesma se encontra próximo a uma ladeira que serve como saída e entrada para a cidade, sendo bastante utilizada pelos moradores de regiões que ficam atrás do morro, gerando uma movimentação e troca de experiências durante esse processo, moldando, portanto, a cultura desses povos que ficam próximos às fronteiras.

Ainda na região, assim como podemos observar na imagem, na sua parte esquerda, destacamos a figura do campo da cidade, responsável por atrair grande público durante os campeonatos e partidas de futebol que aconteciam ao longo dos anos, no povoado de Saco do Engano, assim como observamos no livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*, “[...] O futebol era mais que um esporte para o povo sacoense, era motivo de altivez para os rapazes que jogavam e as moças que iam para torcer pelos seus namorados e

amigos”.⁵⁹ Entretanto, por mais que seus moradores se declarem apaixonados pelo futebol, as atividades desportivas que aconteciam no Campo das Cajazeiras foram diminuindo constantemente, limitando-se aos raros treinos das sextas-feiras.

O Tombador, parte da cidade que se localiza entre o Outro Lado e o Alto, recebendo tal nome devido a um morro que fica as suas costas, se fazendo visível para qualquer um que adentre nesta parte da cidade. Sobre a origem do apelido, Rocha, antigo morador da região, atualmente residindo nas Baixas do Maranhão, interior da cidade de Inhuma-PI, vai relatar que:

Antigamente o local já era chamado de tombador, isso porque o povo já tombava arvores no morro ao lado. O povo “arrudiava” por Vicente Conrado, pra ir tirar vara lá em cima ai trazia no ombro até a ponta do morro para tombar lá de cima e depois o jumento ia pegar no pé do morro.⁶⁰

Seu relato é referente ao tempo em que este se casou em 1956, no qual o mesmo já fazia moradia parcial no local, vindo a construir sua casa apenas em 1959. Este ainda deixou aberta a possibilidade desta prática de tirar madeira e tomba-la de cima do morro já vir acontecendo há muito tempo. Rocha ainda esclareceu a finalidade do processo, colocando que:

As pessoas da região subiam o morro do Tombador para retirar madeira para cozinhar seus alimentos ou utiliza-las no “cercamento” de suas roças, e até mesmo para a venda desta, pois naquela época a maioria das mulheres cozinhavam em fogões de lenha.⁶¹

Rocha ainda vai destacar que os filhos dos tiradores de madeira também participavam da atividade de tirar madeira, mas que estes não eram submetidos as grandes esforços, e iam de livre e espontânea vontade, pois estes “trabalhavam, mas também se divertiam” ao longo das atividades que realizavam em cima dos morros.⁶²

⁵⁹SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.p.165.

⁶⁰ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁶¹_____. Santana do Piauí, 2015.

⁶²_____. Santana do Piauí, 2015.



Imagem 06: Rua Santo Antônio (Tombador), 2015.
Fonte: Arquivo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Na imagem 06, podemos observar a estrutura do espaço físico da Rua Santo Antônio, local denominado pela população da cidade como Tombador, que corresponde a uma rua bastante arborizada e tranquila, na qual o local de entrada é o mesmo local de saída, constituindo uma rua fechada. Ainda na imagem podemos perceber como o morro do Tombador se faz imponente lá no fundo, utilizado para tombar madeira pelos primeiros habitantes assim como já foi colocado por Rocha. O presente morro também era utilizado como espaço de lazer pelos seus moradores, como relata Carvalho:

Era comum que na época do povoado Saco do Engano as crianças fossem para lá brincar de escalar montanhas e se escorregar nos escorregadores construídos por eles mesmos, além de ir para observar a paisagem, devido à altura do morro e da visibilidade que este lhes proporcionava sobre a cidade. Isso também foi comum quando o povoado virou cidade, mas que hoje não vemos mais crianças visitando esse espaço.⁶³

Com isso podemos perceber o quanto o espaço do morro foi fundamental para os diversos momentos da vida dos moradores, tanto na parte econômica (trabalho) como na parte de relações sociais (lazer). Sendo estes elementos, assim como os diversos sentimentos adquiridos ao longo dos anos pelos moradores da cidade, os fatores responsáveis por nomear de forma simbolicamente a presente rua, registrada até então como Rua Santo Antônio.

⁶³CARVALHO, Francisca de Sousa Moura. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

Por ultimo, o Outro Lado, parte da cidade que se localiza na região Norte com relação ao Alto, centro da cidade, se opondo então as Cajazeiras que se localiza na parte Sul. É um ponto extremo responsável por possuir a saída que liga a presente cidade ao Buriti, e às diversas chapadas existentes para aquela região e cidades próximas como o São José do Piauí.

Segundo relatos de Rocha, o que vai definir o nome de Outro Lado, é o riacho que corta esta parte da cidade, chamado de varias formas pelos moradores: Riacho do Outro Lado, Riacho de Tarcísio ou Riacho de Zé Reinaldo;⁶⁴ recebendo essas denominações devido o riacho ficar entre as roças de Tarcísio e Zé Reinaldo e na estrada que da acesso ao Outro Lado. Desta forma, o mesmo vai relatar que:

Por esta parte se encontrar em oposição as Cajazeiras, e distante da parte de Baixo, as pessoas se referiam a este local como ficando do “outro lado” da cidade, ficando, portanto a expressão popularmente conhecida.⁶⁵

Entretanto, o elemento natural que legitimava o apelido era de fato o riacho:

Com ter o riacho no meio do caminho os povos que morava de um lado (Alto) chamavam ali de “Outro Lado”, e os que moravam no “Outro Lado” chamava a parte que ficava depois do riacho de “Outro Lado”.⁶⁶

Mas com o passar do tempo, os próprios moradores do Outro Lado passaram a se reconhecer exclusivamente como donos da nomenclatura, influenciados pelos moradores das outras partes da cidade que faziam este percurso para chegar ao Buriti, chapadas e cidades próximas.

⁶⁴ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁶⁵_____. Santana do Piauí, 2015.

⁶⁶_____. Santana do Piauí, 2015.



Imagem 07: Riacho do Outro Lado, 2015.

Fonte: Arquivo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Na imagem de número 07, podemos observar o riacho que separa o Outro Lado das demais partes da cidade, ficando entre as roças de Zé Reinaldo na parte esquerda da imagem e da de Tarcísio na margem direita da imagem. E assim como já mencionado é o símbolo concreto responsável por nomear esta parte da cidade. Por aqui passaram inúmeros moradores em direção às chapadas, buriti, roças próximo ao açude das baixas e localidades vizinhas. Tornando o percurso um lugar pertencente aos moradores, recheado de memórias e sentimentos. Originando então, as nomenclaturas.



Imagem 08: Ladeira do Buriti, 2015.

Fonte: Arquivo pessoal de Levy de Moura Carvalho.

Ainda no sentido de mostrar o espaço denominado de Outro Lado, pretendemos com a imagem número 08, mostrar uma das ladeiras mais importantes para o povoado de Saco do Engano e também para a cidade de Santana do Piauí, a partir de 1992, ano que a mesma se tornou cidade emancipada de Picos-PI. Destacamos que a presente ladeira, desde quando começou a ser povoada, após 1860, em diante, esta esteve entre uma das principais rotas de passagem para os habitantes que procuravam água de qualidade para beber e terras férteis para plantar, e assim construir roças para a criação de animais. Com isso, por se tratar de uma imagem atual, não podemos imaginar o quanto os primeiros moradores sofreram para subir a mesma, noite e dia, carregados de ferramentas de trabalho, assim como também não podemos imaginar os momentos divertidos que esses tiveram ao longo da mesma.

Com isso fica evidente que a ladeira do buriti não é tida para os moradores como um simples local de passagem, mas sim, um local que condicionou o desenvolvimento de práticas econômicas e sociais fundamentais para o desenvolvimento da cidade. Pois era através dela que chegavam os produtos das chapadas e de localidades vizinhas como Serra do Mocambo, São José entre outras. Portanto, o que podemos afirmar é que a mesma se localizava no ponto extremo do Outro Lado, e foi responsável por dar aos moradores a oportunidade de plantar em terras distantes e de receber moradores que vinha de outras regiões para estabelecer relações com os santanenses, mostrando que tanto os espaços da parte central de Santana do Piauí como as localidades vizinhas estavam integradas.

Apontado tais elementos sobre os diversos espaços da parte central da atual cidade de Santana do Piauí, percebemos como estes estão imbuídos de significados e laços de pertencimentos construídos ao longo de várias décadas pelos habitantes. Sendo constituídos nos seus mais variados momentos de percepção da natureza, sejam estes de lazer ou de trabalho, integrando estes aos elementos naturais que estavam a sua volta, dando origem as nomenclaturas até então relatadas.

Capítulo III

Santana do Piauí: construção e reconstrução dos espaços de sociabilidade, relações políticas, econômicas, sociais do Alto (Centro)

3.1 – Parte central: fragmentação e interação

Após a fragmentação dos espaços da parte central da cidade de Santana do Piauí, para uma melhor explicação sobre as formações e as origens das nomenclaturas, pretende-se agora, mostrar como estes pontos cardeais da parte central, mesmo que distantes geograficamente, possuem suas relações de interação acontecendo cotidianamente. Isso vai acontecer tanto pelos laços culturais como pela necessidade dos seres humanos de se relacionar uns com os outros, isso devido as suas limitações individuais, fazendo com que estes busquem entre si e na natureza os elementos necessários para viver em sociedade.

Dentro dessa ideia de interação e de integração encontramos o pensamento do geógrafo Roberto Lobato Corrêa, onde o mesmo vai colocar que os espaços da cidade, mesmo fragmentados, possuem relações:

Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. o espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários etc.⁶⁷

Aqui o mesmo coloca os principais elementos que mantem a cidade integrada, sendo eles as crenças, valores, mitos, monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. Isso acontece porque esses elementos citados são nada mais nada menos do que as vivências dos moradores assumindo características concretas ao longo dos anos, elementos nos quais os mesmos olham e se enxergam, mostrando que a cidade é movida pelas ações do

⁶⁷CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000. p.9.

próprio indivíduo. No caso da cidade de Santana do Piauí, isso se aplica na construção da própria igreja São Pedro, símbolo importante para os fieis católicos da atualidade, mas também importante para aqueles que participaram e viveram o momento da sua construção. “A igreja foi construída por moradores vindos de todas as partes da cidade”.⁶⁸ Mostrando como a cidade, mesmo fragmentada territorialmente se mantém integrada através das relações estabelecida entre os moradores, como também através das memórias e relações de pertencimento criadas ao longo dos anos.

As ruas e estradas também podem ser lembradas como meio de interligar a cidade, pois as mesmas ligam e encurtam as relações de contato entre os seus moradores, além de estreitar as relações de contato do morador para com os diversos espaços de sua cidade. As ruas e estradas são pelo fato de marcar os trajetos percorridos pelos moradores durante o deslocamento para as atividades de trabalho, lazeres, passeios etc. Sendo, portanto, os locais onde estes estabelecem proximidades e estabelecem nomenclaturas, de acordo com suas vivências, resultando nos próprios apelidos até então já citados.

Para além das construções religiosas ou de percurso (ruas e estradas), as relações comerciais estabelecidas na parte central da cidade “Alto” também se faz fundamental nesse processo de integração, principalmente no ponto comercial cujos moradores denominariam de “Mercado Velho”.

3.2 – “Mercado Velho”: relações comerciais e sociabilidade

Por se tratar de uma população que desde o seu surgimento, por volta de 1860, como relata *Santana do Piauí: a origem do meu povo* viveu da agricultura, pode-se explicar o motivo deste lugar ter virado um símbolo para os moradores mais velhos da cidade⁶⁹. Pois se tratava de um local de intensa comercialização de produtos e gêneros agrícolas, movimentando a economia da época.

⁶⁸ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁶⁹_____. Santana do Piauí, 2015.

Sobre o antigo “Mercado Velho”, não foi possível encontrar registros escritos de negociações que aconteciam entorno deste, ou alguma outra forma de registro escrito da época. O que se foi possível levantar foi apenas algumas descrições sobre a estrutura física do local, em poucas paginas do livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*. E relatos sobre as relações comerciais que aconteciam em torno do mercado, no trabalho de conclusão de curso (TCC) de Ricardo de Carvalho Leal, *Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)*. Sendo que, para reforçar os relatos presentes nestes trabalhos também se procurou utilizar entrevistas orais realizadas com moradores que estabeleceram vivências e memórias sobre o momento, fazendo-se possível uma problematização maior sobre o quanto os trabalhadores que possuíam “pontos” comerciais no mercado sentiram ou sofreram com o momento da sua derrubada.

O que se pode perceber com as leituras é que o espaço físico denominado de “Mercado Velho” surgiu num momento de expansão das atividades comerciais, políticas e sociais do povoado. Durante a segunda metade do século XX, não sendo possível estabelecer uma data concreta por falta de fontes:

O povoado passava por uma série de obras, foi construído o antigo “Mercado Velho” no Centro, lugar de comercialização e troca, onde cada individuo produzia seus excedentes para a venda e troca.⁷⁰

Com isso pode-se perceber que o mercado passou a ser o ponto principal de comercialização da cidade, isso pelo fato de comercializar os excedentes das produções, fazendo com que as relações tivessem um local específico, atraindo aqueles que necessitassem de comprar algum produto. E assim como coloca Rolnik:

É a partir de um certo momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma grande

⁷⁰LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.27.

organização do seu espaço circundante, atraindo para a cidade grandes populações.⁷¹

Neste momento, o local que era denominado de “Alto” pela população, assumiria para estes a função centro da cidade, interligando todos os espaços. Em função tanto do mercado, responsável por atrair a população para o comércio, como pelo fato da presença da igreja São Pedro, que atraía os fieis para as missas, tornando o lugar atrativo e propício a movimentação de pessoas.

José Vicente da Rocha também descreve sobre a estrutura do lugar:

O mercado era uma casa cumprida com um bocado de quatinhos para comércio onde cada pessoa possui seu ponto, sendo que estes pontos eram alugados pelo dono, o finado **Didi ou Didico**. A casa era ardeada de “bodegas”.⁷²

Com isso pode-se perceber que existia uma divisão específica no espaço relatado, onde cada quarto representava um ponto comercial, e antes mesmo da compra do produto por algum cliente, o espaço destinado a abrigar os vendedores e seus produtos teria, portanto de ser alugados para que então pudesse funcionar, evidenciando que neste espaço a relação comercial já começava no processo de adquirir um ponto.

Quanto aos produtos que ali eram vendidos, Leal vai relatar que:

Nos pontos do mercado encontravam-se os gêneros alimentícios e de consumo que o lugar produzia, como: rapadura, algodão, farinha e goma de mandioca, milho, feijão, aguardente de cana, chamada na época de “teimosa”.⁷³

Entretanto, iremos perceber que não eram apenas estes produtos que eram vendidos no mercado, assim como relata Moura, “no mercado vendiam-se também produtos que vinham de fora do povoado, de cidades vizinhas como Picos, São José, Inhumas entre outros lugares”,⁷⁴ mostrando o quanto o mercado ampliou e diversificou as relações comerciais da região. Tais relatos

⁷¹ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.30.

⁷² ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁷³ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.27.

⁷⁴ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

também são confirmados por Rocha, quando este afirma que “[...] no mercado se encontrava de tudo”⁷⁵.



Imagem 09: Mercado Velho (07/11/1976).

Fonte: SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo.** Santana do Piauí, 2012, p.114.

Na imagem 09, pode-se observar a figura do “Mercado Velho”, símbolo importante para os primeiros saccoenses, local onde acontecia a maioria das relações comerciais, sociais e de lazer. Mostrando também a estrutura física do mesmo, com seus diversos quartinhos nos quais os moradores alugavam para estabelecer suas bodegas, assim como para a venda dos excedentes e demais produtos. Na imagem também podemos observar um morador, que não pôde ser identificado, andando de bicicleta, e presença de um imenso terreiro, utilizados segundo Carvalho, “para brincar de bola, de “polícia e ladrão”, bolinhas de gude (conhecido pelos moradores como petecas), entre outras brincadeiras”.⁷⁶ Era um local que assumia funções diversas para os moradores.

Desviando um pouco das relações econômicas propriamente ditas podemos perceber, pela nomeação da própria cachaça, anteriormente citada, assim como pelas relações de troca e compra que ali existiam, pelas brincadeiras, que nesse espaço percorriam diversas relações afetivas, relações que surgiam conforme o momento e ocasião, podendo ser tanto na negociação firmada como na venda de um saco de feijão, ou na troca de algum outro

⁷⁵ ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

⁷⁶ CARVALHO, Maria de Lurdes de. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

produto. O fato é que o “Mercado Velho” transcendia a questão comercial, e conseqüentemente não pode ser enxergado apenas como um lugar de negociações, pois nem sempre elas existiam, e assim como relata Rocha:

O “Mercado Velho” também servia para reunir os amigos, para beber e conversar, trocando experiências sobre suas labutas diárias” [...] “local também utilizado para passar o tempo, pois nem sempre os excedentes eram vendidos ou trocados”.⁷⁷

Fazendo com que o “Mercado Velho” carregasse tanto traços de conquista para os que vendiam, como de frustração para os que não conseguiam o mesmo feito, tornando um lugar de sensações diárias diferentes. Assim podemos destacar o pensamento de Pesavento quando a mesma vai colocar que as cidades e seus mais variados espaços abrigam pessoas que possuem sentimentos, esperanças, desejos e medos, mostrando que a cidade e seus espaços são acima de tudo “*sensibilidade*”.⁷⁸

3.3 – Desapropriação do “Mercado Velho” e construção da Praça São Pedro

Dentro das relações comerciais, os comerciantes do mercado passariam por momento difíceis em termos de vendas e apoio político, como afirma Leal:

Com o tempo e sem apoio do governo, os produtores que tinha “um ponto” no mercado, os produtores rurais passaram a sobreviver com pequenas plantações de gergelim, milho, feijão, mandioca, arroz, batata, verduras e hortaliças.⁷⁹

Em função da diminuição das relações comerciais, vai ser durante o governo de Manoel Borges Sobrinho, primeiro prefeito eleito da cidade de Santana do Piauí (1992), que vai acontecer a derrubada ou desapropriação do “Mercado Velho”. Assim como descreve o livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo*, onde a derrubada deste iria fazer parte de um processo de modernização da parte central da cidade, o “Alto”. Entretanto, não se é relatado

⁷⁷ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁷⁸PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.p.14.

⁷⁹ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014.p.27.

o quão esses ares de modernização mexeram com aqueles que também foram desapropriados com a derrubada do mercado, já que o mercado era não só o espaço físico, mas também as relações desenvolvidas dentro deste.

Em conversa com Rocha, as pessoas que tinham pontos comerciais alugados, conseguiram ao longo dos anos negociar e comprar o estabelecimento no qual atendia, passando estes também a alugar o presente ponto para outras pessoas. Mas, com o processo de desenvolvimento que vivenciava a cidade, surgiu a ideia da derrubada do mercado para a construção de uma praça em seu local. Como isso, segundo Moura:

Os relatos que existem sobre esse acontecimento é de que, todos aqueles que possuíam pontos no presente mercado foram indenizados pelo prefeito Manoel Borges Sobrinho, não ficando ninguém insatisfeito com a derrubada do mesmo.⁸⁰

Tais relatos de indenização também seriam confirmados por Rocha e Carvalho. Assim, conforme as perguntas iam sendo feitas sobre os seus momentos no espaço do mercado foi possível perceber que estes comentavam de forma nostálgica as vivências e lembranças, principalmente das brincadeiras e atividades desenvolvidas.

Com isso, firmada as negociações da indenização, a construção da praça no espaço que anteriormente funcionava o “mercadinho”, passou a ser difundida com mais intensidade pelos políticos da época como se a mesma fosse à representação do progresso, visando estes, desenvolver um espaço que pudesse atrair a população para as mais variadas atividades de lazer, que anteriormente acontecia entorno do Mercado:

A construção da Praça São Pedro em 1994 significou para o povo uma das maiores obras realizadas pelo Prefeito Manoel Borges, tido como um cartão postal da cidade, substituindo uma construção rústica em que as pessoas chamavam de mercadinho.⁸¹

A derrubada do Mercado proporcionaria, portanto o surgimento de outro elemento capaz de proporcionar aos moradores novas relações sociais,

⁸⁰ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁸¹ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa: **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012. p.115.

econômicas, políticas, sentimentais e demais sensações que possam surgir da relação humana para com um determinado espaço. A Praça São Pedro, que agora, mesmo substituindo o local do antigo “Mercado Velho” em termos de estrutura física, assim como já relatado, não pode substituir o mesmo em termos de memórias e das relações anteriormente desenvolvidas⁸². E o que se procedeu foi o estabelecimento de outros laços, em um espaço físico diferente. Com isso a parte central da cidade de Santana do Piauí ia se modificando, em função da característica humana de transformar, alterando também suas relações sociais.

[...] o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.⁸³

Com a construída da praça, em 1994, Moura relata que:

Os comerciantes que foram indenizados no processo de derrubada do mercado passaram a construir em torno da praça para que não perdessem as suas negociações que existiam anteriormente, com isso, o centro da cidade de Santana do Piauí passava a ganhar os traços que até hoje compõe a parte central.⁸⁴

Entretanto, essa prática de construir em torno da praça, aconteceu mesmo antes dessa ser construída, afirma Rocha. O que significava dizer que o espaço já possuía uma relação comercial e sentimental muito forte dentro da cidade, pois, com o dinheiro da indenização os comerciantes poderiam ter construído em outras partes, mas preferiram construir em torno na praça, já visando um lucro posterior.

Nesse contexto de modernidade, segundo os relatos, a praça movimentou ainda mais o centro da presente cidade, principalmente na parte das relações entre os indivíduos dentro dela, tanto das crianças que percorriam

⁸² ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁸³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.p.11.

⁸⁴ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

os espaços com suas brincadeiras, como dos adolescentes que realizavam suas paqueras ao longo destes, assim também como a classe mais velha que eram os responsáveis por levar seus filhos para este espaço. Entretanto, o processo político da presente cidade iria provocar alterações significativas dentro deste espaço, até que o mesmo chegasse a sua forma atual (2015). Tais transformações assumiriam reações diferentes na opinião dos Santanenses, sem falar na redefinição dos hábitos que as “novas” praças provocariam ao longo dos anos.

Como mostra Leal, em seu trabalho, a praça assumiu formas diferentes contados da sua construção em 1994, onde a mesma foi remodelada de acordo com o interesse dos governantes, colocando sempre a ideia de que estavam visando o bem estar da população.⁸⁵

Antes de evidenciar as medidas dos governos e o posicionamento popular sobre o processo de modificação da estrutura física da praça é que se faz importante destacar nos escritos de Leal, o quanto a praça e suas relações ultrapassavam as questões políticas:

Lá é onde acontecem as rodas de conversa entre o povo, lugar de convivência social, atraindo gente de todas as idades, desde jovens a idosos. Esta praça tornou-se o cartão postal da cidade, sendo motivo de orgulho para seus habitantes.⁸⁶

A praça funcionava como o local que reunia as pessoas nos seus momentos de lazeres, após seus horários de ocupação, englobando as mais variadas idades. E assim como relata Moura:

Conforme os novos laços iam surgindo, e a sociedade ia se renovando, em função do nascimento de mais pessoas, as lembranças do mercado iam se desprendendo do imaginário popular, ficando limitadas apenas nas figuras dos mais velhos.⁸⁷

Com isso as relações para com o mercado iam se distanciando, novos elementos foram se constituindo após a construção da praça, como por

⁸⁵ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014.

⁸⁶ _____. Picos, 2014, p.46.

⁸⁷ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

exemplo, os comércios e bares que foram se constituindo ao longo desta, nos quais os donos eram justamente aqueles comerciantes anteriormente indenizados pela destruição do mercado.



Imagem 10: Praça São Pedro, década de 1990.
Fonte: Acervo pessoal de Arnaldo de Sousa Rocha.

Na imagem de número 10, podemos observar como era a estrutura física da Praça São Pedro na década de 90, com suas árvores recém-plantadas, e os bancos feitos de cimento que recebiam os visitantes. E logo mais ao fundo podemos observar também algumas casas e pontos comerciais que foram se formando ao redor da mesma.

Com relação aos momentos de sociabilidade, Moura relata que:

Existiam horários para frequentar a praça, pois a mesma ainda não se dispunha de sobra para que as pessoas pudessem ficar de maneira mais confortável ao longo do dia. Portanto, no início, logo quando a mesma foi construída, as pessoas sempre iam mais nos horários da noite, pois as crianças já não estava mais nas escolas, assim como os jovens, e os adultos também já haviam chegado do trabalho nas roças.⁸⁸

Entretanto, como vai colocar Carvalho, existia um horário limite para que as pessoas ficassem na praça durante a noite:

Quando dava nove e meia da noite, dava três sinais na luz para que todo mundo se preparasse e fossem embora, pois as luzes

⁸⁸ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

já iam se apagar. Mesmo assim ainda ficavam alguns homens por aquele espaço, mas as luzes da praça ficavam apagadas.⁸⁹

Numa sequência de sucessão política, Deusimar Borges Leal, iria manter a estrutural da Praça São Pedro semelhante a do seu surgimento em 1994, com Manoel Borges. Sendo possível perceber com as entrevistas que, existia uma consciência dentro da cidade de que a praça era seu “principal cartão postal”.⁹⁰ Portanto era necessário cuidar desta. Durante esta época, o livro *Santana do Piauí: a origem do meu povo* vai destacar que as modificações na praça foram bem pontuais, e além da cerca protetora, para que os animais que viviam soltos não adentrassem e destruíssem os canteiros, foram construídos mais bancos e “[...] uma tv com antena parabólica, para proporcionar a população a assistir jogos e programas de tv”⁹¹.



Imagem 11: Praça São Pedro, 2006.

Fonte: Acervo pessoal de Arnaldo de Sousa Rocha.

Com a imagem de número 11, podemos perceber que a praça de 2006, possuía uma quantidade de sombra extremamente significativa, tornando possível que as pessoas frequentassem-na durante os três turnos do dia, tornando os laços sociais dentro desse espaço ainda mais dinâmicos. “era uma praça bem arborizada, onde as crianças passavam o meio-dia brincando lá [...] não só crianças, a praça continuava sendo frequentada por diferentes faixas

⁸⁹ CARVALHO, Maria de Lurdes de. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

⁹⁰ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007).** Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.46.

⁹¹ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa: **Santana do Piauí: a origem do meu povo.** Santana do Piauí, 2012.p.121.

etárias”.⁹² Assim a praça se fazia importante para seus moradores das mais variadas formas, não para estes, mas também para os visitantes, assim como coloca Moura “[...] A praça também servia de local de descanso para os diversos vendedores que vinha de picos e de cidades distantes para vender produtos na região”.⁹³ Entretanto, no ano de 2005, a mesma passaria por um processo de revitalização e “melhoramento”⁹⁴ como afirma Leal.

Tal Acontecimento iria levantar um debate que, até os dias de hoje, assumem posicionamentos postos dentro da população, sobre estar melhor ou pior. Sendo que, parte defende que a mesma ficou mais moderna e iluminada, e outros que a mesma já não possui mais as condições necessárias para que esta seja frequentada durante o dia e a tarde, devido falta de sobra.

Com o processo de modernização da cidade, o prefeito Valdenilson Borges, depois que tomou posse em 2005, propôs o melhoramento e outra revitalização para este logradouro público, ficando um lugar mais bonito e confortável.⁹⁵

Com isso, o processo de modernização que lá no passado provocou a derrubada do mercado, provocaria agora, num contexto diferente e por motivos diferentes, a alteração da estrutura física da praça, alterando também rotinas e memórias dos moradores e frequentadores.



⁹² CARVALHO, Maria de Lurdes de. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

⁹³ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 2015.

⁹⁴ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007).** Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.46.

⁹⁵ _____. Picos, 2014. p.46.

Imagem 12: Praça São Pedro, 2007.

Fonte: Acervo pessoal de Arnaldo de Sousa Rocha.

Na imagem de número 12, pode-se perceber como a estrutura física da praça foi totalmente alterada, implicando alterações também na vida dos frequentadores, que até anos atrás frequentavam a mesma ao longo de todo o dia. Entretanto, mesmo com a modificação, acontecida em 2007, os relatos que vem sendo transmitidos em trabalhos que abordam este acontecimento são de que o processo de modernização trouxe melhorias para a praça, e para a população santanense, assim como aborda Leal, “[...] ficando um lugar mais bonito e confortável”⁹⁶, e *Santana do Piauí: a origem do meu povo*, “[...] dando a ela luz, brilho beleza e conforto para o povo santanense”,⁹⁷ evidenciando como estes relatos se encontram mais no campo político, não percebendo as insatisfações geradas dentro do povoado. E neste contexto que nos deparamos com o relato de Moura:

A praça hoje certamente apresenta um aspecto muito mais moderno, mas não serve muito de ponto de encontro, principalmente durante o dia porque não tem sobra que favoreça o encontro.⁹⁸

E assim os debates vão sendo travados conforme vão surgindo às temáticas, em reuniões de amigos em momentos de lazer ou quando se aproximam as épocas eleitorais, sendo enfocados sempre os acontecimentos que marcaram de forma negativa e positiva a vida da população, revelando o quanto estes se importam com os espaços que forma a sua cidade.

De acordo com os pontos levantados sobre de como se organizava e se organiza hoje o centro da cidade de Santana do Piauí, é que podemos perceber com o Alto, considerado desde o povoado Saco do Engano como sendo o centro da cidade, em função tanto da sua localização geográfica⁹⁹, como por englobar as principais práticas comerciais, religiosas e sociais da cidade, é que destacamos este como sendo o local responsável por interligar

⁹⁶ LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014. p.46

⁹⁷ SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa. **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012. p.124.

⁹⁸ MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho**. Santana do Piauí, 2015.

⁹⁹ Situado entre Baixo (Leste) e Tombador (Oeste), assim como entre o Outro Lado (Norte) e Cajazeiras (Sul), e Pelados a (Leste-Norte).

as relações entre os diversos espaços da cidade que se encontram afastados geograficamente. Com isso, buscou-se neste último capítulo, evidenciar os principais acontecimentos responsáveis por provocar modificações no centro da presente cidade, destacando como tais acontecimentos modificaram e reformularam diversas vezes os costumes e práticas dos moradores para com o centro. Justificando, portanto, as insatisfações que surgiram ao longo dos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho buscou-se mostrar um pouco da história da cidade de Santana do Piauí, e de como essa esta é cercada por simbologias, memórias, significações e características de acontecimentos anteriores ao seu processo de emancipação política em 1992, mostrando o quanto o povoado de Saco do Engano influenciou a parte política, econômica, social e cultural da presente cidade.

A pesquisa nos possibilitou entender como se deu o processo de povoamento, apontando os aspectos naturais como os principais responsáveis por atrair e consolidar as práticas agrícolas na região, sendo que a medida que essas atividades iam se tornando mais complexas estes passariam a defender suas propriedades, através do cercamento das roças. Em um momento posterior, o presente trabalho também se propôs mostrar como as condições precárias de trabalho, saneamento básico e de viver em sociedade, provocaram no povoado o desenvolvimento da sua mentalidade política, fundamental no momento de emancipação política.

O trabalho também nos possibilitou problematizar e explicar as diversas nomenclaturas ou apelidos existentes na parte central da cidade de Santana do Piauí, e que estes possuem seus traços das relações homem-natureza desenvolvidas ao longo do processo de povoamento, quando a cidade ainda era o povoado Saco do Engano. Também foi possível perceber como as relações políticas e econômicas foram fundamentais para as diversas transformações ocorridas no centro da cidade, como por exemplo, a construção e derrubada do “Mercado Velho”, assim como a construção e reconstrução da Praça São Pedro, acontecimentos responsáveis por provocar alterações não só na parte física, mas também nas relações sentimentais dos moradores para com estes espaços, alterando assim o cotidiano da cidade diversas vezes.

Com base no que foi ressaltado ao longo dos três capítulos da pesquisa, vimos como as relações econômicas, políticas e sociais foram fundamentais para o desenvolvimento do povoado e da então cidade de Santana do Piauí, proporcionando sensações e sentimentos diversos nos seus moradores ao

longo dos anos, pois, conforme iam ocorrendo as transformações na parte física da cidade, também eram modificadas as formas de se relacionar dentro destes espaços, mostrando assim, o quão dinâmica e complexa foi a vida dos sacoenses e santanenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000. p.7-35.

FENELON, Déa Ribeiro. **São Paulo: patrimônio histórico-cultural e referências culturais**. Proj. História, São Paulo, (18), mai. 1999.

LEAL, Ricardo de Carvalho. **Santana do Piauí: o processo de urbanização e modernização (1992-2007)**. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. vol. 27, n. 53, junho de 2007. São Paulo: ANPUH/Marco Zero 2007.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 6ª reimpressão. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANDEVILLE Jr., Euler. **A Paisagem do Município como Território Educativo**. In: PADILHA, Paulo R.; CECCON, Sheila e RAMALHO, Priscila (orgs.). Município que Educa: fundamentos e propostas. São Paulo: EDL, vol. 1, nov., 2010^a.

Santana do Piauí, **Lei de criação do município**. Lei Nº 4.477, de 29 de Abril de 1992.

SANTOS, Manoel Antônio dos; ROCHA, Maria de Sousa; ROCHA, Arnaldo de Sousa: **Santana do Piauí: a origem do meu povo**. Santana do Piauí, 2012.

SIMSONS, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**: O exemplo do centro de memória da UNICAMP. In: Faria Filho, Luciano Mendes de (org.). Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados, Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

FONTES ORAIS

CARVALHO, Francisca de Sousa Moura. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 27 de março de 2015.

CARVALHO, Maria de Lurdes de. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 07 de junho de 2015.

MOURA, Maria José de Sousa. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 07 de junho de 2015.

ROCHA, José Vicente da. **Depoimento oral concedido a Levy de Moura Carvalho.** Santana do Piauí, 27 de março de 2015.

PAGINA DA INTERNET

Disponível em: <<http://www.santanadopiaui.pi.gov.br/intro.asp?ildMun=100122178>>. Acesso em 21 jun. 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Levy de Moura Carvalho,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Alto, Baixo, Pelados, Tombador, Cagazeiros e Outro Lado: nomen-
claturas, viveres e pertencimento na Cidade de Santana do Piauí (1992-2015)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de Janeiro de 20 16.

Levy de Moura Carvalho
Assinatura

Assinatura